

## SIMPÓSIO AT007

### SENTIDO E NEGOCIAÇÃO NO ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO

Nilsa Taumaturgo de SÁ DE SOUZA

[nilsa.sa@hotmail.com](mailto:nilsa.sa@hotmail.com)

Orientador: Dr<sup>a</sup> Simone de Jesus PADILHA

[simonejp1@gmail.com](mailto:simonejp1@gmail.com)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO  
GROSSO – UFMT**

**RESUMO:** Este trabalho é um recorte da nossa pesquisa de mestrado intitulada: *O ato tradutório e interpretativo a partir de uma perspectiva dialógica e exotópica*; fundamentada pela teoria de Mikhail Bakhtin. Trata-se de uma pesquisa qualitativa norteada pela perspectiva dialógica, adentrando o universo da tradução/interpretação em Língua de Sinais - LS. Consideramos que, no ato tradutório e interpretativo, há uma *tensão*, um *acordo de sentidos*, visto que o Tradutor/Intérprete – TILS recebe a informação, processa, toma decisões e *negocia* com seu interlocutor. Mesmo que o profissional tenha a consciência de que o enunciado sempre se renova, ou seja, não dizemos ou reproduzimos a mesma coisa, ele busca o sentido do enunciado, busca estratégias para que seu público não sofra prejuízo de informações. Inferimos que sentido e negociação são imprescindíveis no momento que o profissional TILS atua interagindo com seus interlocutores surdo/ouvinte, pois cada um dos sujeitos envolvidos carrega suas especificidades e suas experiências de vida, logo, no ato tradutório e interpretativo, o processo de negociações, acordo de sentidos e as marcas singulares dos sujeitos envolvidos demonstram que esse profissional é um sujeito ativo ao executar o seu trabalho.

**PALAVRAS CHAVES:** Tradução/Interpretação; Negociação; Sentido.

**Abstract:** This article is based on our master thesis, entitled “The translational and interpretative act from a dialogic and exotopic perspective”, based on the Language theory of Mikhail Bakhtin. It is a qualitative research supported by the dialogical perspective, entering the universe of translation / interpretation in Sign Language - SL. We consider that there is a tension in the interpretative and translational act characterized by a decision-making meaning that happens

once the Sign Language Interpreter - SLI receives the information, processes it, makes decisions and negotiates its meaning with the interlocutor. Even when the language interpreter is aware that the statement being translated never carries the same meaning, he will search for the closest translation by using strategies, so that the public does not suffer lack of information. We infer that meaning and negotiation are essential in the moment that the SLI professional interacts with his deaf / listener interlocutors, since we consider that each subject involved in the dialogue carries his language specificities and its life experiences. Therefore, the translational and interpretative act, the negotiation process, the decision-making meaning, and the singular marks of the subjects that are involved demonstrate that this professional is an active subject when carrying out his work.

**Key-words:** Translation/Interpretation; Negotiation; Meaning.

## Introdução

O profissional TILS, de modo geral, sobleva inúmeros questionamentos e julgamentos referentes a sua atuação, questionamentos dos quais se destacam o de “ser fiel e imparcial” ao discurso o qual traduz/interpreta.

A partir de tais questionamentos que, de modo geral, existem em todos os espaços de tradução/interpretação em línguas de sinais, o objetivo principal da pesquisa da qual fizemos esse recorte foi buscar a compreensão do processo dialógico e exotópico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como enxergar tradução e interpretação por um prisma além de técnico (léxico, regras e vocabulários); isto é, a partir da relação *eu/outro* e da produção de sentidos.

Levando em consideração que a língua é social, é interação e é viva, como se prender a um sinal ou a uma palavra no momento da tradução/interpretação? Para Bakhtin (1992):

O locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele de utilizar as formas normativas (admitimos, por

enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável. Este é o ponto de vista do locutor. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92 e 93).

Portanto, partimos do pressuposto de que tradução/interpretação é um universo vasto de interação e produção de sentidos, e que formas, palavras e sinais tornam-se insuficientes para a efetivação desse ato/evento segundo a perspectiva dialógica de linguagem.

## 1. Tradução/interpretação a partir do prisma bakhtiniano

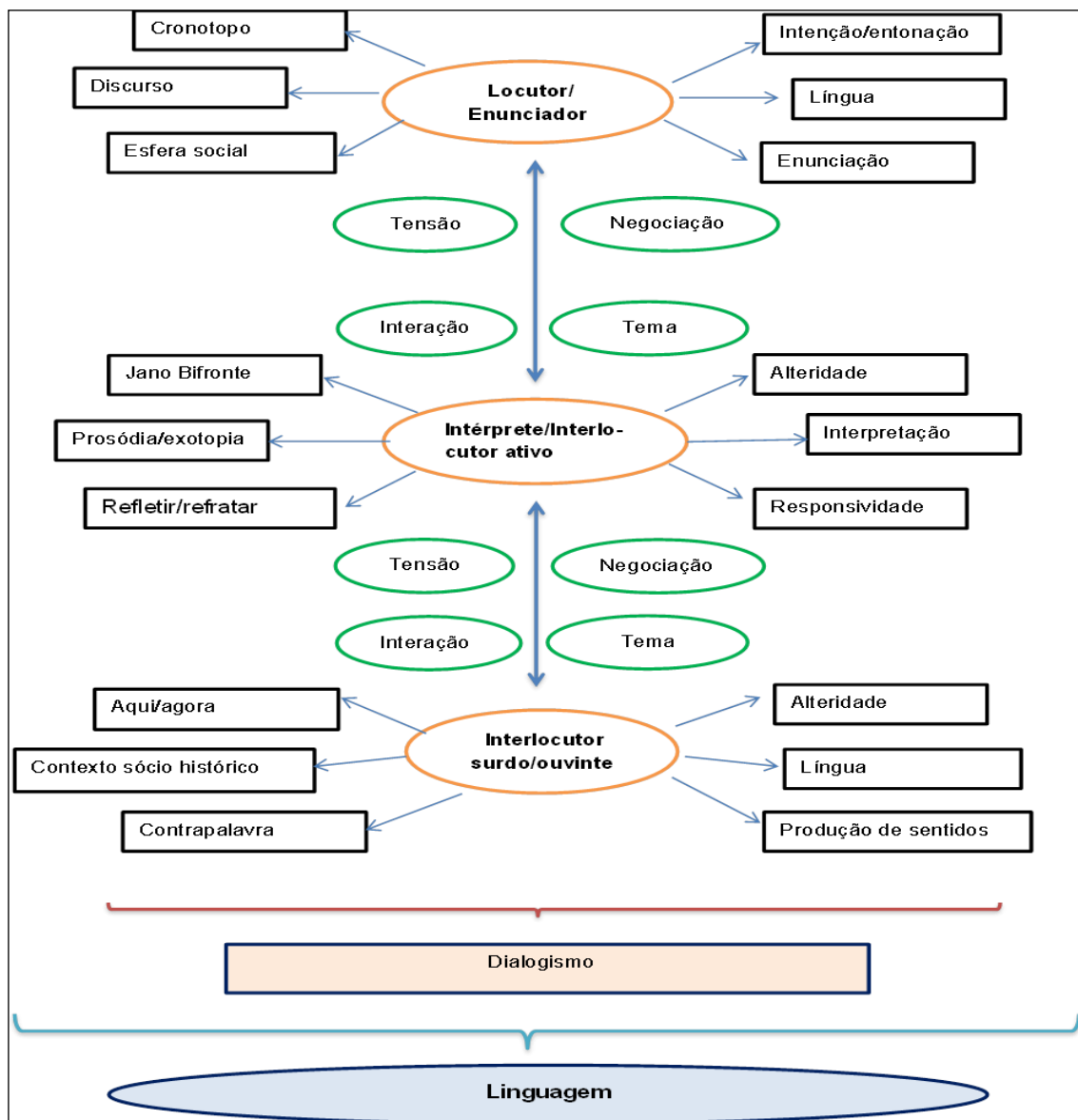
Atrair os conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin ao trabalho do TILS é como percorrer um caminho extenso e surpreendente, considerando que esse importante estudioso da linguagem nos deixou um legado significativo, que nos possibilita compreender que somos seres constituídos a partir do *outro*.

Interpretar, traduzir, mediar, negociar, refletir, refratar, interação, discurso, diálogo, língua, palavra, sentido, significação, alteridade, exotopia, decisão e muitos outros conceitos da teoria bakhtiniana são perfeitamente apropriados e indissociáveis, a nosso ver, da atuação profissional do TILS. Sua atuação vai além do diálogo face a face e ultrapassa a função de um simples mediador. É preciso que esse profissional “saia” de seu lugar para se colocar no lugar do outro, “deixe” de ser ele mesmo para se transformar no outro, e esqueça paradigmas e concepções em busca da efetiva compreensão do outro. O profissional esquece sua zona de conforto e se transporta para o “conforto” do outro. Pratica a alteridade consciente e inconsciente para que o

aqui e agora seja carregado de sentidos e significações, a fim de que o tema seja criado e os sentidos construídos por todos os envolvidos na interação.

## 2. Esquema representativo de ato tradutório e interpretativo em LS a partir do prisma dialógico

O esquema a seguir apresenta um esboço do processo de interpretação em LS norteado pela teoria bakhtiniana, visando à compreensão de que todos os sujeitos são ativos no processo.



[Construção nossa]

Compreendendo o esquema acima: Os sujeitos e conceitos que aparecem no esquema são relacionados a um ato-evento interpretativo em LS; o *locutor/enunciador* apresentado é o sujeito que estará em posição de palestrante, o *locutor II/interlocutor ativo* é o TILS, que, ao mesmo tempo que é interlocutor, passa a ser locutor, visto que no momento que interpreta se torna locutor; o *interlocutor II* é o surdo/ouvinte, sujeito para o qual será feita a interpretação. As setas que interligam os sujeitos representam a interação mútua que acontece entre eles por meio de todo o processo e pela orientação da palavra proferida pelo locutor/enunciador, considerando que, para Bakhtin (1992), “essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém” (BAKHTIN, 1992, p. 113). Assim, todos os sujeitos são ativos no processo.

Todos os conceitos se entrelaçam, visto que o *discurso* que provém do locutor/enunciador é o discurso de outrem, um discurso citado, preparado e analisado. Podemos levar em consideração que Bakhtin também valoriza a organização sintática e morfológica do discurso. Considerando que ele se dirigirá a alguém, esse discurso estará organizado a partir da *esfera social* e carregará um *querer dizer* que suscita uma *entonação*, essa entonação fará a caracterização dessa intenção e o *cronotopo*, pois “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 113).

Não podemos deixar de considerar que a *língua* terá seu papel importante, visto que ela será o aparato técnico da comunicação, ou seja, é a língua que concretiza a linguagem mobilizando signos ideológicos. “Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92).

O intérprete/locutor ativo estará na posição de um *Jano bifronte*, imagem do Deus grego que, para Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato* (1993), apresenta posição dupla, duas faces.

Um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um jano bifronte: Ele olha em duas direções opostas: Ele olha para a unicidade objetiva de um domínio da cultura da vida realmente vivida e experimentada. Mas não há um só plano unitário e único onde ambas as faces poderiam mutuamente se determinar com relação única e singular unidade (BAKHTIN, 1993, p. 20).

Dessa forma, o intérprete ocupa as duas posições, assume as duas faces, do locutor I/enunciador e busca se adequar ao seu interlocutor (surdo/ouvinte) *refletindo*, tomando decisões que serão cabíveis à situação. Para tal, fará o processo *exotópico*, saindo da sua posição para ver mais do outro do que de si mesmo. Ele se situa fora de si retornando ao seu lugar único, promovendo a *alteridade* a partir das alterações que se consolidarão naquele momento sócio histórico.

A partir desse processo, o TILS já fez suas escolhas lexicais, refletiu – por utilizar a língua e reproduzir o seu sistema – e também refratou deixando sua marca, sua assinatura, já se colocando no lugar do outro e fazendo o processo da alteridade, então faz a *interpretação* com *responsividade*, pois “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2015, p. 271). Logo, esse profissional está em uma situação de responsividade pelo seu trabalho.

O *interlocutor II surdo/ouvinte* não estará passivo em todo esse processo, que tem um *aqui/agora*, o qual o levará a *uma contrapalavra*, ou seja, aceitará ou não o seu discurso, levando em consideração que a *alteridade* aí faz seu papel de alteração, a partir do momento dessa interação em que ele faz suas “escolhas”, constitui-se como um sujeito participante do processo e a *língua* é importante para esse sujeito no sentido de dar a ele a possibilidade de compreensão do discurso. O que resulta na *produção de sentidos* absolutamente situada.

O processo tradutório e interpretativo fomenta uma *tensão* entre os envolvidos, uma *negociação*, em que cada sujeito fará seu papel de convencimento na *interação* para que se chegue a um *tema* que surgirá no momento e cada sujeito o verá de forma particular.

Toda essa cadeia *dialógica* que reflete e permeia o trabalho do TILS, carregada por vozes, constitui a *linguagem*, que é o elo de comunicação e interação entre os seres, considerando que a vida é naturalmente dialógica.

### Considerações

Refletir sobre tradução/interpretação em LS buscando a compreensão do e o processo de negociação que se dá nesse ato/evento nos leva a considerar que o trabalho do profissional TILS ainda é carregado de estereótipos quando se trata de exigir desse profissional atitudes impossíveis a partir do olhar dialógico. Atitudes como a imparcialidade e a fidelidade, por exemplo. Consideramos que o indivíduo ao mesmo tempo em que negocia com seu interlocutor é influenciado por ele, pois os sujeitos se organizam socialmente a fim de efetivarem relações sociais.

Toda enunciação é um ato responsivo, um querer dizer, uma resposta fomentada pela situação, o contexto e a esfera social. Esse caráter responsivo no ato tradutório e interpretativo fomenta a produção de sentidos, pois, o TILS utiliza as palavras/discursos alheios, deixando neles as suas marcas e negociando com seu público.

Desse modo, a forma de atuação desse profissional será de acordo com a esfera social, o momento, a intenção do falante e o público para o qual ele faz a tradução/interpretação. E esse processo não deve se limitar à transposição linguística.

### Referências

ALBRES, N.A. A tradução de literatura infantil para língua de sinais: os sentidos entre leitura, tradução e contação. In: SILVA, A.A.; RUSSO, A.; ALBRES, N.A.

**Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais.**

Curitiba: Prismas, 2016.

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T; SOUZA, S. J; KRAMER, S. (Orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-25.

\_\_\_\_\_ **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2004.

ARROJO, R. **Oficina de Tradução, a teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_ **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

\_\_\_\_\_ **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza: Austin, University of Texas press, 1993.

BARBOZA, H. H. MELLO, A. C. P.T. **O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo**. Rio de Janeiro. Oficina Folha Carioca Editora Ltda, 1995.

BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos – chave**. São Paulo: Ed. Contexto. 2014.

\_\_\_\_\_ **Bakhtin: outros conceitos – chave**. São Paulo: Ed. Contexto. 2012.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

PIRES, C. L. **Questões de fidelidade na interpretação em Língua de Sinais**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. Pedro e João Editora- São Carlos-SP 2010.